



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 18

Afinal de contas, quem é este?ⁱ (segunda parte)

Texto-base: Mt 12

Como vimos na lição passada, o avanço do ministério público de Jesus levou ao surgimento de algumas dúvidas e de uma crescente oposição, fazendo com que a questão central se tornasse cada vez mais urgente: quem, afinal de contas, é este Jesus? Nesta lição vamos ver mais algumas respostas.

Jesus, o Senhor do sábado

O contraste entre o “jugo” de Jesus e o dos outros agora fica mais claro. Esse contraste não se localizava em uma tensão entre a lei e a graça, ou entre mandamentos difíceis e fáceis. Não, o contraste reside entre o fardo da submissão ao Velho Testamento em termos de regulamentos farisaicos e o alívio de ficar sob a tutela de Jesus como que sob a autoridade do Revelador gentil a quem o Velho Testamento, os caminhos antigos, apontavam verdadeiramente.

Muitas das autoridades judaicas haviam desenvolvido uma rede complexa de regras de conduta, regras com apenas uma ligação tênue com o próprio Velho Testamento. Essas autoridades estabeleceram 39 categorias separadas de obras proibidas no sábado e, uma vez que ceifar era uma delas, elas condenaram os discípulos de Jesus por pegarem algumas espigas enquanto faziam uma caminhada no sábado por um campo próximo à estrada. (Mat. 12:1).

Jesus poderia ter respondido dizendo que as regras dos fariseus iam muito além do texto do Velho Testamento. Seus discípulos, afinal, não eram fazendeiros cujo emprego regular os fazia trabalhar nos campos seis dias de cada sete, e que estavam, portanto, tentando trabalhar hora extra no sábado às escondidas. A ação deles foi casual, inofensiva, estavam tentando saciar sua fome, e não estavam retornando ao

seu trabalho normal. Mas ao contrário, a resposta de Jesus tomou rumo bem diferente.

Primeiro, Ele observou a exceção que Davi abriu em relação às prescrições formais da lei quando, desesperado e com fome, ele e seus homens comeram parte do pão consagrado do Tabernáculo - pão que deveria ser comido somente pelos sacerdotes (Êxodo 25:30; Levítico 24:5-9; 1 Samuel, capítulo 21). O ponto não é que as regras muitas vezes têm exceções, mas que toda a abordagem dos fariseus à questão da lei estava fundamentalmente errada uma vez que ela não conseguia explicar a história nas próprias Escrituras, já que estas não condenam Davi por seu ato. Além do mais, se a autoridade de Davi podia justificar tanto ele como seus homens, existe uma certa insinuação que a autoridade de Jesus podia justificar tanto a Si mesmo como aos Seus discípulos.

Segundo, Jesus indicou que nem todas as leis operam no mesmo nível. Formalmente, os sacerdotes “quebraram” as leis do sábado ao observarem as leis do templo, leis que requeriam que eles trabalhassem no sábado (Mateus 12:5)! Contudo a precedência das leis do templo sobre as leis do sábado isenta os sacerdotes de culpa. No entanto, Jesus insistiu, “Aqui está quem é maior do que o templo” (12:6). Para qualquer judeu do primeiro século, isto seria uma reivindicação surpreendente. Jesus estava dizendo que Ele mesmo, ou talvez o reino que Ele estava agora inaugurando, era maior que o templo! Por analogia, portanto, Sua própria autoridade transcende a autoridade das leis do sábado.

Terceiro, Jesus novamente citou Oséias 6:6 (veja Mateus 12:7; também 9:13) e insistiu não apenas na inocência dos Seus discípulos, mas argumentou que a razão porque os acusadores devem ser acusados de condenar o inocente era porque eles compreenderam erroneamente o coração e o enfoque de suas próprias Escrituras. Os discípulos eram inocentes simplesmente porque o Filho do homem é Senhor do sábado: “quem é maior do que o templo” estava ali.

Ao relato desta confrontação no sábado, Mateus anexou um outro (12:9-14). Aqui Jesus estabeleceu mais um ponto. As regras estabelecidas pelos fariseus os permitiam resgatar um ovelha presa no sábado; então por que Jesus não deveria fazer o bem a um homem no sábado, uma vez que um homem é muito mais valioso que uma ovelha? (12:11,12). O próprio milagre (12:13) confirmou o julgamento de Jesus sobre esta questão, assim como o milagre em 9:1-8 confirmou a autoridade de Jesus de perdoar pecados. Só que Seus oponentes estavam tão cegos que a confrontação aprofundou a oposição deles e contribuiu para uma conspiração que terminaria na cruz (12:14).

Jesus, o Servo escolhido de Deus

Ciente das crescentes conspirações, Jesus retirou-Se dali (12:15), mostrando até mesmo pela sua retirada que naquele momento Ele não Se sentia chamado para esmagar toda oposição. A ironia é que os oponentes a quem Ele poupou eram os mesmos que pensavam que um Messias apropriado deveria esmagar toda oposição. Em vez disso, Jesus continuou Seu ministério de cura, ordenando àqueles que Ele curava que mantivessem silêncio. Tal silêncio, ordenado por Jesus, não somente ajudou a manter sob controle as expectativas da multidão que queria fazer do Messias algo não muito maior do que um operador de milagres (compare com 8:4; 9:30) mas também, segundo Mateus, cumpriu as Escrituras (12:17-21).

Em contraste com os fariseus que estavam conspirando Sua morte, Jesus continuou Seu ministério de cura, e cumpriu Seu papel com tranquilidade e suavidade (12:9,20). As Escrituras citadas em Mateus 12:18-21 é de Isaías 42:1-4, um dos cânticos do “Servo Sofredor”, Noutras palavras, apesar da sua demonstração consistente que Jesus é o Messias, o real filho de Davi, e o Filho unigênito de Deus, Mateus insistiu, de forma bem cuidadosa, que a Pessoa e o ministério de Jesus não devem ser interpretados nessas categorias exclusivamente. Em vez disso, Sua Pessoa e ministério devem também ser interpretados como cumprindo as profecias do Velho Testamento sobre a vinda do “Servo Sofredor”.

As escrituras citadas transmitem muitos retratos encantadores de Jesus como “Servo Sofredor”. Por exemplo, Ele é apresentado como Aquele a quem Deus escolhe e ama, trazendo à mente a voz no batismo (3:17) e na transfiguração (17:5) de Jesus. Ele é Aquele em quem Deus derrama Seu Espírito - na verdade, sem limite (João 3:34) - capacitando-O a proclamar a justiça às nações.

Dois temas favoritos de Mateus então reaparecem. Primeiro, o Deus da Bíblia e Seu Filho Jesus Cristo estão interessados na justiça, retidão tanto pessoal como social, santidade, pureza. Segundo, a proclamação de Jesus não é apenas para os judeus, mas também para as nações. No exato momento em que os judeus sentiram que Jesus era insuficientemente nacionalista, o próprio Jesus estava começando a cumprir a profecia que insistia, “E no seu nome os gentios esperarão” (Mateus 12:21).

No tempo certo, Jesus iria predizer Sua própria volta, Seu reinado firme, o julgamento final sobre o qual Ele irá presidir (veja 13:40-43; 24:30,31,36-41; 25:31-46). Mas nesse estágio do Seu ministério Ele cumpriu as passagens das Escrituras que falavam da Sua mansidão. O Servo do Senhor não iria “contender ou clamar” (12:19); se confrontado, Ele estaria preparado para retirar-Se (12:15; veja também 4:12; 14:13; 15:21; 16:4). Enquanto extremistas e outros tipos “fortes” arrancavam repentinamente pés de cana que já estavam quebrados, ou apagavam o morrão que fumegava, Jesus o “Servo Sofredor” cuidava dos que estavam machucados e avivava a

fraca chama para a vida (12:20). Seu ministério de brandura e compaixão recusou pisar em cima dos fracos. Outros podem argumentar que o fim justifica os meios; entretanto Ele persistiu nesta política “até que faça triunfar o juízo” (12:20).

Quem é este Jesus? Ele não é somente o filho real de Davi, o Filho unigênito de Deus, mas também o manso e compassivo “Servo Sofredor”.

Jesus, Aquele que amarra Satanás

Já havia existido uma certa especulação murmurada que os exorcismos de Jesus apenas provavam que Ele estava em aliança com o maligno (9:34). Agora essas acusações tornaram-se públicas. O que as tornou pública foi uma combinação de dois fatores: algumas demonstrações a mais da autoridade de Jesus em expulsar demônios (12:22) e o espanto provocado no povo que os fez perguntar se Jesus podia ser o Messias prometido, o Filho de Davi (12:23). Isso foi o suficiente para fazer os fariseus temerem estar perdendo seu controle do povo; e por essa razão eles outra vez dirigiram sua acusação infame (12:24).

A acusação resultou em três lições importantes.

Primeiro, por meio de várias analogias, Jesus deixou claro que Sua destruição persistente das forças satânicas não podia de forma alguma ser a obra de satanás (12:25-29). Entretanto, num contexto onde as reivindicações de Jesus eram messiânicas, isso lhes deixou apenas uma alternativa: “Mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus” (12:28). Note: “o reino chegou sobre vós”, não simplesmente chegará.

Segundo, se o reino já havia num certo sentido chegado, neutralidade com respeito a Jesus era um sinal de fracasso moral - o fracasso de reconhecer o que deveria ter sido óbvio para qualquer um que tivesse olhos para enxergar. Portanto, neutralidade deste tipo é a mesma coisa que oposição (12:30). Pior ainda é “blasfêmia contra o Espírito” (12:31,32) – a atribuição intencional daquilo que é sem ambiguidade a obra do Espírito no ministério de Jesus (12:28) como sendo do maligno (12:24), a disputa autoconsciente e perniciosa do indisputável. Para esse pecado não pode haver qualquer perdão, “nem neste mundo, nem no vindouro” (12:32). Esse foi o veredito sóbrio da única Pessoa que tem a autoridade na terra para perdoar os pecados (9:6).

E terceiro, segue-se que o problema fundamental naqueles que fracassaram em reconhecer quem Jesus era ou que se opuseram ativamente a Ele, baseia-se em si mesmos. Eles eram com árvores ruins que inevitavelmente produzem maus frutos. Assim sendo: cada palavra que eles falavam, incluindo as avaliações ríspidas sobre Jesus, revelavam o transbordar do coração (12:34). Nós iremos um dia ter que prestar

contas não somente de nossos principais triunfos, mas também de toda palavra ociosa que já falamos (é isso o que a palavra “fútil” em 12:36 significa), pois tais palavras revelam o que jorra dos nossos corações, quem nós somos de verdade.

Essa é a ironia suprema. Jesus estava tão confiante do Seu próprio papel que quando o povo pergunta “É este porventura o filho de Davi?” (12:23), ou quando profere blasfêmias (12:24), não é Ele que está sendo avaliado, mas eles.

O sinal de Jesus

Ainda tentando entender quem Jesus era, porém incapazes e não dispostos a abrir mão de suas próprias pressuposições com relação a revelação que Jesus trouxe, os fariseus e os escribas pediram a Ele que apresentasse algum sinal miraculoso de autenticação (12:38). Em certo sentido, é claro, eles estavam dentro dos seus direitos como líderes do povo para desafiar as alegações de todos os pretendentes messiânicos. Contudo Jesus viu que o problema deles era neste caso muito mais profundo. Afinal, Ele havia realizado vários, talvez centenas de sinais miraculosos, cada um deles autenticando a entrada espetacular do poder do Reino. Claramente, o que eles queriam era alguma coisa diferente. Eles estavam requerendo um sinal miraculoso realizado a pedido, um tipo de exemplo espetacular de autenticidade. Mas isso teria sido uma domesticação do reinado salvífico de Deus. Isso teria significado um uso do poder de Deus em subserviência às autoridades governantes. O poder do Reino não estava a disposição para demonstrações caprichosas e Jesus não era uma foca treinada, feliz em fazer truques ao comando. Nesse sentido, portanto, nenhum sinal seria dado a uma geração mergulhada em adultério espiritual (12:39).

Contudo, noutra sentido, uma única exceção pode ser feita. Não foi uma exceção em certo sentido: o sinal que Jesus ofereceu não podia ser banalizado de maneira alguma. Todavia ele era ainda assim importante. O “sinal de Jonas” foi que Jonas era. Os ninivitas nos dias de Jonas aprenderam o que havia acontecido com Jonas e como ele havia vindo à sua cidade. Ele próprio era um sinal pela sua escapada maravilhosa da morte. Assim também Jesus, o Filho do homem, após um período de tempo semelhante, escaparia das correntes da morte. A ressurreição de Jesus Cristo seria um sinal adequado (12:40).

No entanto, existe um segundo ponto de comparação entre Jonas e Jesus. Ambos pregavam o arrependimento. Aqui, porém, a comparação passa para um contraste; pois os ouvintes de Jonas se arrependeram, e os ouvintes de Jesus, em grande parte, não, mesmo tendo Jesus sobrepujado Jonas, Salomão ou qualquer outro profeta do Velho Testamento. Como em 11:20-24, portanto, a geração que havia dado suas costas para tanta luz corria o perigo do mais severo julgamento. Neutralidade

para com Jesus, especialmente por parte daqueles que têm recebido mais benefício, é extremamente perigoso (12:43-45).

Conclusão

Quem é este Jesus?

Expectativas falsas são coisas sutis. Mesmo a própria família de Jesus aparentemente esperava uma certa intimidade com Ele que Seu senso de chamado reservou exclusivamente para Seus discípulos (12:46-50).

No final das contas, se formos adorar o Senhor Jesus Cristo, que realmente existe, curvando-nos sob Seu senhorio e experimentando Seu perdão e graça, devemos estar preparados para aceitar toda a revelação de Jesus relatada nas Escrituras, e buscar entendê-la na sua inteireza. Se pegarmos e escolhermos somente aquelas partes que preferimos, podemos, como muitos dos fariseus nos dias de Jesus, estar buscando um “Cristo” que não existe. Podemos até mesmo ficar desapontados pelo Cristo verdadeiro, se primeiro forjarmos uma imagem mental distorcida de como Ele deve ser. Em nenhuma área do cristianismo é mais importante buscar um equilíbrio e uma proporção verdadeiramente bíblica.

ⁱ Esta lição corresponde, com ligeiras adaptações, à segunda parte do capítulo 5 do livro **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES).